



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7012 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PERCEÇÃO DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SALVADOR SOBRE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE

Izaura Santiago da Cruz - UFBA - Universidade Federal da Bahia

PERCEÇÃO DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SALVADOR SOBRE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE

1 INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, as diferenças de gênero, condição social, raça e orientação sexual costumam ser bem demarcadas, o que geralmente, leva à hierarquização e à segregação das pessoas que fogem aos padrões socialmente estabelecidos (LOURO, 1997). Essa diferenciação, em parte facilitada pela ausência de formação de gestores/as, professores/as e demais membros da comunidade escolar, para lidar com temáticas que envolvem as sexualidades, pode gerar mais desigualdades, conflitos internos e situações de bullying.

As discussões sobre as relações, identidades e performances de gênero, são muito escassas no espaço escolar. Pouco se discute sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade e, falar em orientação do desejo afetivo-sexual, transgeneridade, e outros assuntos relacionados à sexualidade, sequer é considerado. Assim, apesar das conquistas da comunidade LGBTQIA+, a escola, quando propõe, ainda que timidamente, esses debates, têm sido alvo de fortes ataques. Ainda não há acolhimento desses adolescentes, que por vezes, estão começando a se perceber diferentes dos demais. Segundo Silva Junior (2016, p. 178):

A escola contemporânea também pondera, objetiva e padroniza seus sujeitos através da sua genitália, no campo biológico. Para uma/um transexual ou travesti, uma atitude do dia a dia, como usar o banheiro da escola ou ser nomeada (o) por alguém, transforma-se em um problema.

Pensando na falta de diálogo da escola com esses sujeitos, o projeto “Oficinas de

sexualidade, gênero, cuidado de si e do/a outro/a em escolas de educação básica” propõe um trabalho de parceria entre a comunidade universitária e uma escola da rede básica de ensino. Esse projeto tem como intenção atuar na formação, em sexualidades, de futuros/as docentes.

Se, nas escolas ainda há uma grande resistência em tratar de temas relacionados às sexualidades, e esse assunto é fundamental para a construção da cidadania, então, a omissão da escola em incorporar essas temáticas pode contribuir para a não realização do seu papel social. De acordo com Leão, Ribeiro e Bedin (2010, p. 47):

A escola deve ponderar acerca de seu papel na formação dos cidadãos, refletindo sobre os agravos que gera nos alunos ao optar pelo silêncio, pois, com esta atitude, está transmitindo a ideia de que a sexualidade é um assunto ‘intocável’, sigiloso, com isso perpetuando estigmas, receios e desinformações.

Uma das possíveis causas da ausência dessa prática se deve à falta de preparação de docentes, que muitas vezes nunca debateram essa temática durante sua formação. Considerando que o/a professor/a também carrega suas inseguranças e dúvidas sobre sexualidade, pensamos que sua capacitação pode contribuir para que desenvolva maior segurança ao realizar intervenções e debater esses conteúdos com seus estudantes.

2 EDUCAÇÃO SEXUAL: A IMPORTÂNCIA DO ACESSO À INFORMAÇÃO

É comum que na maioria das famílias não haja discussões sobre sexualidade, no sentido de uma orientação para o autocuidado e para a satisfação de prazeres. Assuntos como orientação sexual, ejaculação e abusos, por exemplo, não são tratados na maioria das casas, seja por tabu, ou por inexperiência em discutir a temática

Acerca desses tabus, concordamos com Foucault (2006, p. 9) sobre o que ele chama de interdições dos discursos, que atuam através de três operadores ou mecanismos básicos: **tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala**. O primeiro trata de assuntos que são permitidos, ou não, de serem discutidos pelas sociedades e/ou culturas. E, nesse, caso o exercício de sexualidades na perspectiva do prazer e da realização pessoal e coletiva, na nossa cultura, ainda é considerado um tabu. O segundo, se refere às circunstâncias em que é possível se falar sobre um determinado tema. Particularmente, as aulas de Ciências e Biologia, são circunstâncias nas quais é possível se tratar de temas pertinentes à sexualidade. E por fim, considerando o direito de quem fala, nossas crianças e adolescentes não são autorizadas a falar sobre sexualidade.

Assim, essas discussões, orientações ou conversas, são negligenciadas na maioria das famílias. Tal situação, cria uma espécie de “vácuo” que resulta numa busca individual de estudantes, que muitas vezes recorrem a fontes que nem sempre são seguras e adequadas

Dessa forma, crianças e adolescentes acabam reproduzindo padrões do meio em que estão inseridas/os, logo, os papéis de gênero impostos pela sociedade se tornam grandes orientadores de comportamentos considerados violentos, como machismo, homofobia, transfobia, gordofobia e racismo.

Com isso o papel da escola se torna crucial, pois é na escola que, por vezes, os/as estudantes se sentem confortáveis para trazer suas dúvidas e questionamentos. Ao oferecer um ambiente que possibilita as discussões sobre sexualidades, além de levar o conhecimento formal e científico, a escola pode ensinar a conviver com as diferenças sem hierarquizá-las, proporcionando o acolhimento daquelas pessoas que estão à margem, reduzindo a desigualdade.

3 METODOLOGIA

As análises aqui apresentadas são referentes a alguns resultados do projeto “Oficinas de sexualidade, gênero, cuidado de si e do/a outro/a em escolas da educação básica”, que faz parte do programa Permanecer da Universidade Federal da Bahia. O projeto oportuniza aos futuros/as docentes a experiência de trabalhar com assuntos sobre sexualidade na escola, auxiliando na construção de uma escola mais inclusiva. Para análise dos dados foi utilizada a perspectiva da análise crítica dos discursos, inspirada em Michel Foucault.

Dentre as ações do projeto foram realizadas formações mediadas pela coordenadora em parceria com uma professora da educação básica, direcionadas aos participantes do projeto. Essas atividades incluíam discussões sobre aspectos teóricos, planejamento e elaboração de oficinas.

O projeto teve início no segundo semestre de 2018, em uma escola pública de ensino fundamental II. As oficinas foram desenvolvidas com turmas de sexto e sétimo ano durante as aulas de Ciências.

A primeira etapa foi a inserção das bolsistas no ambiente escolar, que ocorreu através de observações realizadas durante as aulas, nos intervalos e no entorno da escola. Após esse período, correu uma aula introdutória para apresentar o projeto com uma breve discussão sobre concepções de sexualidade. Ao fim da aula foi deixada uma caixa em cada sala, onde estudantes puderam depositar, anonimamente, dúvidas, e sugestões de temas para as oficinas.

Após uma semana, as caixas foram recolhidas para que as bolsistas pudessem selecionar os temas pertinentes a cada sala. Terminado esse processo, foi dado início ao planejamento das oficinas e a preparação dos materiais.

As oficinas foram desenvolvidas a partir de dinâmicas em grupo, vídeos, leituras, discussões e produção de textos, cartazes e esquetes teatrais. Diante da diversidade de conteúdos, foi percebido que seria interessante que as/os estudantes pudessem compartilhar o conhecimento adquirido nas oficinas com a comunidade escolar. Assim, foi realizada a primeira Feira de Sexualidade da escola, evento em que pais, estudantes, docentes e gestão puderam conhecer o projeto e prestigiar o trabalho das turmas.

Ao final de todas as atividades realizadas, foi proposto às/aos estudantes que participassem de uma entrevista coletiva sobre as oficinas de sexualidade, que foi gravada, transcrita e serviu como base para a produção dos dados analisados nesse trabalho. Os/as participantes da entrevista, o fizeram de forma voluntária, no intuito de colaborar com a pesquisa. Após o aceite dos/as estudantes foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos responsáveis, e somente após a assinatura destes documentos foi efetivada a entrevista. Participaram 11 adolescentes: oito meninas e três meninos. As idades variaram entre 11 e 14 anos. O grupo foi composto por estudantes que pertenciam a três

turmas do 6º ano e uma do 7º ano.

Para garantir o anonimato dos/as participantes foi utilizado um sistema de codificação utilizando a primeira letra do nome, idade, a série e a turma.

4 A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE AS OFICINAS DE SEXUALIDADE

Durante a entrevista, as perguntas feitas aos/as adolescentes seguiram uma abordagem que teve como objetivo analisar suas percepções sobre as oficinas, em relação aos temas trabalhados e ao seu entendimento acerca do que é sexualidade. Também foram solicitadas sugestões de temas para novas oficinas.

Ao serem questionados/as sobre o que acharam das atividades de sexualidade, os 11 entrevistados/as disseram que as atividades foram boas, ótimas e bastante produtivas. Colocaram também que através das oficinas puderam aprender “coisas que não sabiam”, que as atividades serviram para alertar sobre a vivência no mundo e seus perigos.

Sobre isso, destacamos a fala de E136B que sinaliza que gostou da aula de sexualidade “porque os meninos aprenderam bastante sobre menstruação, uma coisa que eles não estavam muito a par disso [...] E “que próximo ano elas estejam aqui ensinando mais e mais a gente”.

Com base no que foi descrito acima, é perceptível que discentes sentem a necessidade de falar sobre suas dúvidas no que se refere a sexualidade. Quando não há diálogo, os/as jovens ficam vulneráveis. Sendo assim, torna-se cada vez mais necessário trabalhar com a educação sexual na escola. Pois, com a inserção de atividades/oficinas de sexualidade, discentes acabam tendo mais acesso a informações necessárias para que, quando iniciem sua vida sexual, estejam atentos e atentas às consequências de suas escolhas.

Para corroborar com esse entendimento, Rithiane Carneiro e colaboradores (2015, p. 105), em seus estudos baseados na área da saúde sexual expõem que:

Atentar para sexualidade dos adolescentes é uma necessidade que pode contribuir para reduzir problemas no que diz respeito à sua vida pessoal e social. Salientamos o papel fundamental da escola em sua educação sexual, visto ser esse o ambiente adequado para a aprendizagem não só da anatomia e da fisiologia do corpo humano, de métodos de prevenção da gravidez precoce e das DST, mas também para o desenvolvimento de sua autonomia.

Após a primeira pergunta os/as adolescentes também foram questionados/as sobre o/os assunto/s que acharam mais interessante/es. As respostas a essa questão trazem evidências sobre como é importante discutir sobre o desenvolvimento de seus corpos. Pois, a maioria das respostas estiveram centradas basicamente no conhecimento sobre os sistemas sexuais e reprodutores feminino e masculino. Nesse sentido, compreendemos que as respostas dos/as adolescentes ainda obedecem ao que Foucault (2006) chamou de **ritual da circunstância**, uma vez que é sabido por essas pessoas que, na escola, estão autorizados a falar da sexualidade somente da perspectiva do conhecimento biológico sobre seus corpos. Por isso, mesmo que outras temáticas tenham sido trabalhadas, quando questionados/as respondem de acordo com um certo “roteiro” estabelecido em conjunto de trocas simbólicas (não

explicitadas), que demonstram os jogos de saber/poder que operam em relação a esses debates na escola (FOUCAULT, 2014).

Ainda em relação às questões sobre corpo e desenvolvimento, outras estudantes trouxeram a satisfação em conhecer mais sobre a menstruação. O tema da menstruação esteve mais presente nas respostas das meninas como é possível identificar na fala da estudante J126B: “Eu gostei do assunto mitos e verdades, porque aprendi coisas que eu não sabia. E eu gostei da aula de ciclo menstrual que eu não sabia muito, e eu aprendi bastante.”

Porém, não só as meninas demonstraram interesse no assunto. O estudante M147A disse: “O assunto que eu mais gostei foi o sistema reprodutor masculino porque eu conheci mais um pouco do sistema reprodutor do homem, e um pouco também do sistema reprodutor da mulher.”

O relato de M147A, traz um aspecto significativo em relação ao nosso trabalho, que é o interesse de adolescentes por aspectos da fisiologia de corpos e compartilhamento de informações sobre ambos os sexos/gêneros. Tal situação é incomum, tendo em vista que, em geral, nessa faixa etária (10 a 14 anos) essas pessoas demonstram interesses mais voltado para o próprio sexo/gênero.

Quando perguntados acerca do interesse em que as atividades das oficinas continuassem a serem desenvolvidas, a grande maioria respondeu que desejava continuar tendo as oficinas de sexualidade. Apenas um estudante manifestou restrições sobre um dos conteúdos das oficinas. G126C explica: “Sim, queria que voltasse, só que não gostei do negócio que falou dos gays”. A fala desse estudante apesar de ser única, evidência que ainda há pessoas que se esquivam de assuntos que abordam sobre a homossexualidade.

Sobre esse tema, identificamos que o relato de G126C é consistente com os dados da uma pesquisa nacional feita por Abramovay, Walsersfisz e Castro (2015), que, embora tenha trabalhado com um público um pouco diferente, porque foi feita com estudantes do ensino médio e da educação de jovens e adultos, também aponta para uma não aceitação da expressão de identidades gay e lésbica na escola. Ao compararmos os resultados preliminares da nossa pesquisa com os dessas autoras, podemos inferir, que essas dificuldades enfrentadas por estudantes gays, lésbicas e transexuais, que se expressou no ensino médio, provavelmente, já vinham sendo construída desde o ensino fundamental.

Ainda sobre os resultados, observamos duas outras estudantes que trazem uma fala interessante, na qual elas dão a entender que é importante trabalhar com sexualidade com os meninos e que isso tende a evitar que eles façam “besteiras”. Quando perguntada sobre a continuidade das oficinas, a estudante E136B indicou: “Eu queria que voltasse as oficinas, porque..., para as pessoas aprender mais, como aprendeu esse ano, e os meninos ficar mais a par das coisas e não fazer besteira.” Ainda sobre o mesmo tópico M116B respondeu: “Sim porque eu quero saber mais sobre sexualidade, e foi importante para os meninos.”

As falas trazidas pelas duas estudantes apontam para um aspecto relevante: A necessidade de se investir em um trabalho sobre sexualidades com os meninos. Visto que, é relativamente comum que essa abordagem tenha como foco principal as jovens, com intuito de evitar a gravidez precoce, e, com isso, desresponsabilizando os rapazes nessas situações. Entretanto, sabemos que aos homens é “permitido” falar sobre sexo com mais liberdade, porém existe pouca preocupação em orientar esses jovens sobre cuidados consigo mesmo e com os/as outros/as. Assim, ainda é ensinado aos homens um modelo hegemônico de masculinidade que acaba tornando-os mais predispostos a cometer “besteiras”, como foi dito por uma das estudantes.

Ao solicitar sugestões de temas para oficinas, algumas respostas trouxeram: menstruação, ejaculação, sistema reprodutor feminino e masculino e a importância do uso do preservativo. Porém outras respostas demonstraram curiosidades sobre o relacionamento entre homossexuais. Algumas respostas trazem também a importância de saber sobre eles (pessoas homossexuais) para poder trabalhar na redução da homofobia. Essas questões trazidas por 4 estudantes serão apresentadas abaixo

“Eu acho que a gente deveria aprofundar nesse tema para parar com o preconceito, só porque as pessoas podem ser lésbicas ou homossexuais.” (S126A)

“Eu queria saber mais coisas sobre homofobia e homossexuais.” (J126B)

“Eu queria saber sobre a homofobia no próximo ano.” (M116B)

“Como foi falado, sobre o preconceito, eu queria saber como era que os gays praticavam sexo.” (E136B)

Para dialogar com essas falas apresentadas pelas meninas, trazemos o texto do documento dos PCN que aborda Orientação Sexual como tema transversal e discorre que a abordagem do tema permite:

A discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL, 1998, p. 293)

A última questão buscou entender qual a percepção das meninas e dos meninos sobre o quê de fato é sexualidade. O questionamento era sobre o que eles diriam para alguém que falasse que a escola estava tendo aula de sexo. Dada a grande importância das respostas, serão apresentados alguns posicionamentos.

“Eu responderia que não. Porque não é sexo, é sobre sexualidade. E, não tem, mais ou menos, nada a ver com sexo.” (J126B)

“Eu diria que não. Porque sexualidade trabalhou com vários assuntos e não especificamente com sexo.” (E136B)

“Literalmente sexo não. Está falando, ensinando sobre outras coisas.” (G126C).

“Eu responderia que não. Porque a aula de sexualidade e é um pouco diferente.” (M147A)

“Eu responderia que sim. Está tendo aula de sexualidade que é muito bom e que as crianças aprendem mais e não ficam perdidas [...]. Eu vim complementar uma coisa que, sexo fala uma coisa e sexualidade mostra algumas partes da sexualidade, tipo, alguns hormônios.” (W136C)

Refletindo sobre as falas dos/as estudantes acerca dessa última questão, compreendemos que muitos/as dos/as adolescentes entrevistados/as conseguiram discernir as ideias de **sexo** e **sexualidade**, demonstrando que a participação nas oficinas ampliou sua formação intelectual nessa área. Visto que, não estavam mais associando a ideia de sexo como definidor único da sexualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível dizer que as escolas ainda são ambientes despreparados para lidar com a diversidade/diferença. Principalmente no que se refere às questões de sexualidade e gênero. É comum ver ou ouvir situações de discriminação e violência em escolas. Uma outra realidade vivida por professores que trabalham com temas ligados à sexualidade, são as investidas que visam coibir discussões sobre o tema na escola. Porém, docentes têm aparato legal que possibilita o desenvolvimento de atividades que versem sobre esse tema tão polêmico.

Ao analisar as respostas de estudantes sobre o desenvolvimento das atividades de sexualidade fica evidente os motivos que fundamentam a importância de trabalhos como esses. Os dados apresentados, evidenciam que oficinas de sexualidade podem permitir que os discentes acessem conhecimentos que são essenciais para a fase de desenvolvimento em que se encontram. Mas para além disso, é também uma ferramenta que permite a descoberta de um mundo onde há diversidade, e que através desse conhecimento se torna possível aprender a viver e conviver na diferença.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARNEIRO, Rithiane Frota et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. SANARE – **Revista de Políticas Públicas**, Sobral, v. 14, n. 01, p.104-108, jan/jun., 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **A ordem do discurso** - Aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LEÃO, Andreza Marques de Castro; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; BEDIN, Regina Celia. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 01, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis-RJ: Ed. Vozes. 1997.

Palavras-chave: sexualidade, educação sexual, formação de professores.